



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS**

DANIELE SILVA ARAÚJO

MEMÓRIA E IDENTIDADE: PATU “TERRA ALTA”

**PATU/RN
2023**

DANIELE SILVA ARAÚJO

MEMÓRIA E IDENTIDADE: PATU “TERRA ALTA”

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Respectivas Literatura como requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a M^a Keila Lairiny Câmara Xavier.

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A663m Araujo, Danielle Silva
Memoria e Identidade: Patu "terra alta". / Danielle Silva
Araujo. - Patu RN, 2023.
36p.

Orientador(a): Profa. M^a. Keila Lairiny Câmara Xavier.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Memória. 2. Identidade. 3. História. 4. Relação. I.
Câmara Xavier, Keila Lairiny. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

DANIELE SILVA ARAÚJO

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu - CAP, Departamento de Letras, como requisito obrigatório para obtenção do título de graduação em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: 30 de março de 2023.

Banca Examinadora

Keila Lairiny Câmara Xavier.

Prof^a M^a Keila Lairiny Câmara Xavier.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –
UERN

Jamaes Fernandes de Lima

Prof^o. Me. Jamaes Fernandes de Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –
UERN

Beatriz Pazini Ferreira

Prof^a. Dr^a. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –
UERN

DEDICATÓRIA

A minha irmã Ana Cláudia de Araújo (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Letras língua portuguesa não eram a minha primeira opção, sempre gostei muito de livros, do mundo da educação, sabia que queria atuar no ramo e sonhava em cursar história. Quando passei para letras fiquei muito feliz. Comecei o curso com alguns medos e inseguranças, mas acredito que é normal, e assim segui, aprendendo a cada nova batalha sobre o curso, como também sobre a empatia e humanidade, tendo em vista que logo no terceiro semestre do curso enfrentamos uma pandemia, algo que tornou o momento muito difícil, em por dois anos ficamos em casa, vendo os professores e colegas apenas por uma tela de computador ou celular. Não foi fácil, mas usamos as ferramentas que tínhamos e a nossa força para chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe Maria Lúcia da Silva, que sempre me incentivou a estudar e mesmo com todas as dificuldades, que apareciam diante de nós, nunca permitiu que ao menos pensasse em desistir, me cobria de incentivo e mais vontade de vencer. Agradeço a minha tia Francisca Maria Batista, um exemplo para mim. Sem seu apoio e incentivo tudo se tornaria ainda mais árduo. Esse sonho que um dia também foi dela, e não pôde ser concluído, me impulsionou a chegar até aqui.

Aos meus primos Maria Fernanda e Pablo Victor, por serem a minha alegria diária, meu combustível nos momentos de tormento, o meu refúgio de todas as horas. A minha amiga Thálya Kamilla, que sempre me incentivou e me ajudou ao longo do curso. Agradeço também aos presentes que a universidade me deu, minhas amigas incentivadoras, Érica Gianni, Júlia Araújo e Gessica Alves, guardo com todo amor e carinho a dedicação que todos tiveram durante esse tempo comigo. Família, amigos, professores sem vocês isso tudo não teria tido sentido algum.

“Você comerá do fruto do seu
trabalho, e será feliz e próspero.”
(Salmos 128:2)

RESUMO

Esta monografia discute teorias acerca da memória e identidade em um contexto de pós-modernidade, na qual a memória será tratada como fenômeno coletivo e individual na construção da identidade, apontando ainda a relação entre memória e identidade, fatores importantes que são utilizados pela sociedade, afim de (re)construir a memória e a identidade dos lugares que apresentam narrativas, emoções e expressões diversas. No *corpus* dessa pesquisa serão apresentadas análises de três histórias do livro “Patu lugares e memórias” do Professor Aluisio Dutra de Oliveira, contando ainda com aporte teórico que inclui alguns estudiosos da área, como Bauman (1999), Le Goff (1984), Hall (2003) e Pollak (1989), para que os objetivos de compreender e identificar a memória e identidade nos escritos do professor Aluisio sejam alcançados. Por fim, trazemos os resultados do referido estudo, onde foi possível identificar que a identidade dos autores e a construção de suas memórias, a partir do livro, trouxeram grandes contribuições para a formação das representações e dos processos culturais. Desse modo, a pesquisa trouxe reflexões a respeito da identidade e memória como elemento cultural na pós-modernidade, destacando que cada indivíduo que colabora para reconstituição de novas identidades.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Histórias.

ABSTRACT

This monograph discusses theories about memory and identity in a postmodern context, memory will be treated as a collective and individual phenomenon in the construction of identity. Also point out the relationship between memory and identity. Important factors are used by society, in order to (re)build the memory and identity of places that present different narratives, emotions and expressions. Analyzes of three stories from the book "Patu places and memories" by Professor Aluisio Dutra de Oliveira are presented, with a theoretical contribution that includes some scholars in the area, such as Bauman (1999), Le Goff (1984), Hall (2003) and Pollak (1989), so that the objectives of understanding and identifying memory and identity in Professor Aluísio's writings are achieved. Finally, we bring the results of that study. Where, we identified that the identity of the authors and the construction of their memories from the book, brought great contributions to the formation of representations and cultural processes. In this way, the research brought reflections about identity and memory as a cultural element in post-modernity and that each individual who collaborates to reconstitute new identities.

Keywords: Memory. Identity. Stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA	13
2.1 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS	13
2.2 MEMÓRIA: FUNÇÕES E CARACTERÍSTICAS.....	16
2.3 RELAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES ENTRE A MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	20
3. CONSTRUÇÃO ANALÍTICA PARTIR DO LIVRO PATU LUGARES E MEMÓRIAS	22
3.1 A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO DO LIMA.....	23
3.2 CRUZEIRO DE SÃO SEBASTIÃO NA SERRA DO PATU-RN.....	27
3.3 COMUNIDADE QUILOMBOLAS DO JATOBÁ.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a cultura se faz através de um conjunto de crenças, tradições e costumes, e que a mesma está inserida em qualquer ambiente e em qualquer sociedade que contribui diretamente e indiretamente para a formação de memórias e de identidades de uma nação. Assim, a cultura tem um valor emocional, afetivo e individual que possibilita ao sujeito a construção de memórias, sejam elas coletivas ou individuais. Dessa maneira, a memória é um produto coletivo constantemente presente na vida dos sujeitos, assim como uma capacidade humana de armazenamento, com informações e experiências que são adquiridas ao longo dos anos e que são acionadas de acordo com o contexto e situação em de inserção.

Além disso, a memória também é constituída e reconstruída através de ambientes/locais, os quais os sujeitos são expostos, tais como o familiar, profissional, cultural, social e o político. Assim, a memória é edificada e rememorada com o auxílio das marcas significativas presentes nesses espaços. Nessa perspectiva, Candau (2011, p. 16) afirma que: “assim a formação cultural e a preservação da memória de um povo, são importantes para resgatar e resguardar as raízes, que são constituídas de memórias”.

Nessa linha de pensamento, destacamos também a importância da memória para a formação da identidade de um povo, de um grupo de pessoas e de um sujeito. Assim, a identidade cultural de um povo e a sua definição é algo essencial para identificarmos as histórias daquela determinada sociedade. Cria-se assim um aspecto único e específico de um grupo de pessoas e, nessa construção, a identidade se concretiza através de perspectivas grupais ou individuais de acordo com as suas características.

De acordo com as discussões efetuadas até o presente momento, que integram os estudos que perpassam a memória e identidade, o presente trabalho busca analisar, de maneira reflexiva, a construção da memória e da identidade de Patu. Para isso, analisaremos, à luz das teorias que aqui discutimos, os escritos de autores patuenses presentes no livro: “*Patu lugares¹ e memórias*” de autoria do professor

¹ O livro conta as histórias dos personagens marcantes que até hoje vivem no imaginário popular patuense, dos lugares ilustres que se tornaram pontos turísticos com bastante fluxo de visitação. Relacionando a memória e identidade.

Aluísio Dutra de Oliveira². Ressaltamos que levaremos em consideração o cenário social e cultural presente do livro e que fazem referência direta a cidade de Patu, que inicialmente era apenas um pequeno vilarejo. Seus primeiros habitantes foram os índios cariris, que ao ver a imensa serra, logo lhe deram este nome, que em sua língua significa “planalto” ou “serra do estrondo”, afirmando que Patu era uma “terra alta”, termo que inclusive influenciou na escolha do nosso tema. Após longos anos, o vilarejo finalmente conseguiu o seu brasão de município em 01/11/1890 e, desde então, coleciona grandes marcos e histórias conforme veremos ao longo do trabalho.

Diante desse cenário, adentraremos nas construções da memória e identidade do município de Patu/RN, que se encontram presentes no referido livro utilizado em nosso *corpus* objetivo analítico, destacando como acontece a construção da memória e da identidade no livro “*Patu lugares e memórias*”, de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira. De acordo com esse questionamento de ordem geral, elencamos alguns outros específicos que nos ajudarão no decorrer da pesquisa, são eles: Quais memórias são construídas no livro Patu lugares e memórias de autoria do Professor Aluísio Dutra de Oliveira? De que maneira acontece a construção identitária no livro Patu lugares e memórias de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira? De quais formas se relacionam a memória com a identidade no livro Patu lugares e memórias de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira?

Assim, para essa pesquisa, em consonância com os questionamentos propostos, traçamos o seguinte objetivo geral: Analisar a construção da memória e da identidade no livro “*Patu lugares e memórias*”, de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira. De acordo com esse objetivo, temos os seguintes objetivos específicos: Compreender a construção de memórias no livro Patu lugares e memórias de autoria

² Aluisio Dutra de Oliveira, professor do Departamento de Ciências Contábeis - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Avançado de Patu - curso de Ciências Contábeis, atuando nas disciplinas Contabilidade Básica e Contabilidade de Custos. Atualmente está como vice-diretor do Campus Avançado de Patu com mandato de quatro anos. O professor Aluísio Dutra de Oliveira é membro titular da Comissão de Extensão da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte bem como membro da Comissão Departamental de Atualização do projeto Pedagógico do Curso de Ciências Contábeis do Campus Avançado de Patu bem como é o representante da ADUERN - Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, seção sindical do Campus de Patu. O professor Aluísio Dutra de Oliveira atua também nos Movimentos Sociais Organizados da Região Oeste do Rio Grande do Norte, sendo coordenador do Fórum das Organizações Sociais de Patu e membros das seguintes ONGs: Território Sertão do Apodi, Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar do Rio Grande do Norte e Associação Comunitária da Comunidade Rural Carnaúba. Tem atuação na política partidária onde foi eleito vice-prefeito do município de Patu nas eleições municipais do ano de 2008 e suplente de vereador nas eleições municipais de 2004.

do professor Aluísio Dutra de Oliveira; Entender a construção identitária no livro Patu lugares e memórias de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira; e analisar o relacionamento da memória com a da identidade no livro Patu lugares e memórias de autoria do professor Aluísio Dutra de Oliveira

Em nossas motivações, enquanto pesquisadora, destacamos as nossas raízes fincadas no município de Patu, ao longo de 23 anos e também local de moradia atualmente, com grandes vivências, laços familiares e grandes amizades. No que compete à justificativa cultural, sabemos que a cultura está diretamente ligada a um grande significado para a população da cidade de PATU-RN e, por isso, que este trabalho de pesquisa trará grandes contribuições para povo Patuense sobre os conhecimentos que nos colocamos a discutir, contribuindo assim tanto para o contexto acadêmico, quanto para o curso de Letras, podendo servir como base para o desenvolvimento de novas pesquisas que busquem trabalhar com essa temática.

Em relação aos aspectos metodológicos, a teoria se faz para ampliar as nossas falas, nosso vocabulário e nosso conhecimento, gerando assim ideias e inspirações que fortalecem nossa pesquisa. Desse modo, temos como base a pesquisa bibliográfica e também a descritiva, numa abordagem qualitativa, fazendo o uso do seu método o dedutivo, já que serão analisadas algumas das histórias contadas no livro através dos depoimentos colhidos pelo professor Aluísio.

[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (GIL, 2002, p.44).

Nosso trabalho está dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo apresentará a teoria relacionada à memória e identidade, sendo dividida em três tópicos, na qual, no segundo, veremos a análise do livro Patu Lugares e Memórias e, por último, nossas considerações finais, para uma melhor compreensão dos nossos leitores. Assim, ao longo do capítulo, para efetuarmos essa discussão, que está inserida na memória e na identidade, tomaremos como base as ideias de autores da área, como Bauman (1999), Le Goff (1984), Hall (2003), Polak (1989), e Halbwachs (2003), que serviram como base para desenvolvimento e construção de uma discussão relevante acerca da temática da memória e identidade. Assim, o mesmo encontra-se dividido em três tópicos: 2.1 construções identitárias; 2.2 memórias:

funções e características; 2.3 relações e contribuições, tendo em vista a melhor compreensão dos nossos leitores. O capítulo a seguir tratará da teoria do nosso trabalho.

2 IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA

Neste capítulo, abordamos, refletidamente, a memória e identidade, apresentando conceitos que perpassam esses dois campos do conhecimento, para que possamos entender a construção desses sentidos e suas relações. Além disso, apontamos reflexões sobre a relação existente entre a memória e a identidade.

2.1 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

A definição sobre a identidade tem sentido essencial, já que ela é concebida como a base que orienta todos os símbolos de um grupo, sociedade, comunidade, país e região que afetam diretamente o sujeito. Dessa forma, para que um grupo compartilhe elementos identitários é importante que aconteça o processo de socialização, que se dá através de experiências adquiridas nas relações sociais, as quais os sujeitos estão inseridos por meio dos diferentes contextos interativos situacionais e culturais nos quais o indivíduo entra em contato. A identidade está atrelada ao grande avanço da globalização e da modernidade, que vem implicando diversas transformações desde seu início.

[...] parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto seu efeito geral permanece contraditório (HALL, 2003, p. 87).

Em um mundo totalmente globalizado, essa discussão, muitas vezes, pode se transformar em intolerância, principalmente cultural. Desse modo, se faz necessário entender os conceitos da memória e identidade, como eles funcionam e se relacionam, contudo, ressaltamos que o conceito de identidade é complexo e também depende das próprias experiências e do estilo de vida de cada um sujeito. Hall (2003) defende o argumento de que a modernidade, com suas transformações profundas,

provocou uma “crise de identidade”, subdividindo o homem moderno, alterando a percepção do ser humano sobre ele próprio e sobre o mundo que o cerca.

Torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2003, p. 13).

Assim, um novo processo moderno surge, já que a representação cultural se expande e passa a se multiplicar, em que, a partir daí, temos uma variedade de identidades possíveis, com as quais haveria identificação dos indivíduos. No plano cultural, procuram sempre impor as suas ideologias sobre os povos diferentes, os símbolos do passado são perpetuados, diferentemente, da sociedade pós-moderna, onde as mudanças e as transformações de identidade ocorrem de forma permanente, em que os discursos e as identidades são construídos e reconstruídos.

Nesse contexto, a pluralidade é determinante para interpretarmos a identidade no mundo pós-moderno. Dessa forma, a modernidade, para se contrapor a tradição, traz como principal motivo o fato de que a mesma está sempre em um processo de negação que, muitas vezes, acontece devido a experiências traumáticas vividas pelo sujeito, se tornando cada vez mais difícil preservar as identidades culturais. Então, o sujeito passa a representar diferentes papéis, seguindo desejos, sentimentos e pensamentos do universo ao qual está inserido, pois tudo isso irá ser armazenado.

Sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente, que por sua vez são caracterizadas pela diferença, isto é, elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes (...) identidades (HALL, 2003, p. 12).

Hall (2003) aponta que a identidade é agora não mais única e imutável, e não se baseia em um único posicionamento cultural, isso acontece, pois no período moderno a interpretação da vida não se baseia em conceitos homogêneos, mas sim, em conceitos fragmentados, que são vivenciados em contextos coletivos diferenciados. Assim, a maneira pela qual o sujeito é interpretado na sociedade e reconfigurando na pós-modernidade, deixa explícita as “representações separadas” que se referem às múltiplas identificações que uma pessoa alterna em seu cotidiano.

De tal modo, no mundo contemporâneo é fácil observar as fragilidades da noção de identidade como padrão de personalidade.

No chamado mundo pós-moderno, não há mais um ponto referencial em torno do qual o sujeito constituía firmemente, mas sim os vários pontos referenciais que não trazem segurança as culturas e costumes. A pós-modernidade deve ser entendida como tempo crítico, onde o homem, e seus referenciais estão no centro (HALL, 2003, p.12).

Três possíveis consequências são apresentadas por Hall (2003, p. 89) em seus estudos, principalmente essas que advêm do processo de globalização atual que o mundo enfrenta. A primeira delas estaria relacionada à desintegração da identidade, resultado da mistura de várias culturas e elementos em um mesmo ambiente. A segunda funciona como uma forma de resistência à globalização, na qual seus apoiadores alegam o fato de que a desigualdade vem beneficiando somente as localidades consideradas mais desenvolvidas economicamente, enquanto as outras regiões ficam dependentes desse desenvolvimento. Já a terceira e última consequência a ser abordada é a formação das chamadas identidades híbridas, que são produzidas através de culturas diferentes e que não possuem apenas uma raiz, desenvolvidas em decorrência da globalização e da formação do mundo atual moderno. “As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia” (Hall, 2003, p.89).

Essas consequências nos mostram que a sociedade gira em torno do sistema global e que novos estilos, novos lugares, novas pessoas e novas imagens se fazem e refazem. Em consequência disso, a identidade e sua construção/reconstrução parecem ser fragmentadas cada vez mais, já que a identidade está fortemente ligada aos processos de moldagem e remendagem, causando uma aceleração da globalização.

A fusão entre as culturas, o sincretismo, a mestiçagem, é uma forma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado (HALL, 2003, p.91).

A fusão cultural é um processo dinâmico que carrega esse nome, pois ocorre através da junção de ideias, devido ao contato entre grupos sociais distintos, apresentando-se também como um fator característico no processo que constrói a identidade social do indivíduo, na chamada modernidade líquida, na qual essas

identidades são portadas como algo leve e passageiro. Esses mistos de culturas, pessoas e regiões, se tornam um processo lento e desigual à medida que cada grupo vai construindo suas memórias e, com elas, suas funções, como veremos no próximo tópico.

2.2 MEMÓRIA: FUNÇÕES E CARACTERÍSTICAS

A memória é tida como uma função do intelecto humano, sendo dividida entre memória individual e a coletiva. Pollak (1992) ressalta que a memória não se resume, apenas, à vida de uma pessoa, mas a uma construção coletiva e um fenômeno construído, organizado a partir do presente e, em parte, herdada de acordo com as construções de experiências do sujeito. Neste caso, a memória funciona individualmente e também coletivamente, na qual a sua característica principal é a mutação. E esse processo mutável acontece sempre através do tempo.

Nessa conjuntura, durante o passar do tempo, parte das nossas memórias, estarão inseridas em diversos contextos sociais, como por exemplo, religiosos, sociais e familiares, todos conhecidos direta ou indiretamente, em que a seletividade está inserida, ou seja, nem tudo que vivenciamos, apesar de alguma vez registrado, ficará gravado em nossas memórias com grande precisão. Somente os acontecimentos que são ligados a grandes emoções e fatos importantes estarão presentes e serão reconstituídos de acordo com os acontecimentos no ambiente em que o sujeito está inserido. Por isso, as memórias também nos dizem muito a respeito da relação do vivido e aprendido:

Conforme as circunstâncias ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras e de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação (POLLAK, 1992 p. 8-9).

Como resultado do processo dessas seleções, nossas memórias, muitas vezes, nos afastam do que nos causa mal-estar. “A lembrança não se constrói sem a

memória coletiva, mas, ao mesmo tempo, a recordação pessoal é uma forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas.” (HALBWACHS, 1990, p.09-10).

Nesse sentido, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo que se insere facilmente em uma determinada sociedade, destacando a característica flutuante e mutável que existe na memória. Pessoas que são de uma mesma geração costumam ser mais unidas entre si, isso acontece porque compartilham mais vivências e, conseqüentemente, mais experiências, como episódios de sua infância, músicas e brincadeiras da época, memórias construídas coletivamente, tudo sempre ligadas ao dinamismo e ao legado da comunidade.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Halbwachs (2013) traz a ideia de que, não necessariamente, o sujeito precisa estar no local para acessar determinadas memórias e que o testemunho pode ocorrer de forma que perpassa gerações. Pollak (1989), somando a ideias anteriores, aponta que alguns dos elementos construtivos da memória podem ser expressos e caracterizados pelos acontecimentos que foram vividos pessoalmente pelo sujeito, no qual esse participa diretamente dos atos e, em seguida, dos acontecimentos vividos por tabela, ou seja, aqueles acontecimentos ao qual o sujeito não pertenceu, mas, que através do imaginário, consegue imaginar e adentrar nesses eventos, na qual, isso se torna possível através da socialização política e histórica. Além desses acontecimentos, a memória também se constrói a partir de pessoas, personagens e lugares que, direta ou indiretamente, participaram do espaço/tempo do indivíduo mostrando as várias faces da memória.

Pollak (1989) ainda faz importantes colocações para a abordagem sociológica da memória, mas não rompe, simplesmente, com a obra de Maurice Halbwachs. Pollak (1992) é influenciado de muitas maneiras pela obra do sociólogo francês, em que podemos dizer que as definições de memória de ambos concordam em diversos pontos. Em linhas gerais, tanto Pollak (1992) como Halbwachs (2013) apontam a memória como um fenômeno coletivo, definindo-a como uma construção social. Por

ser uma construção, a memória envolve um processo de escolha, sendo parcial e seletiva, em que ambos os autores definem a memória como uma construção do passado realizada no presente.

Considerada por Le Goff (1994) como uma forma muito evoluída de externalização do conhecimento e de transmissão oral, principalmente nos séculos XVIII e XIX, a memória vem sendo utilizada como objeto de reconstrução do passado nacional, valorizada em diferentes continentes. Por sua vez, na visão de Halbwachs (2013), relativamente “contemporâneo” a esses projetos nacionalistas, sobretudo aos que correspondem ao século XIX, a memória é a forma mais acabada de um grupo e, portanto, a formação/consolidação de nações e nacionalidades em diferentes continentes, com naturezas históricas distintas.

“A memória passou a ter um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico, sendo bem entendida nas formas rudimentares da historiografia” (LE GOFF, 1994, p.69). Com isso, a memória diz muito sobre determinados momentos de nossas vidas, permitindo que sejam revividos de algum modo, numa espécie de construções sociais coletivas, que mantém viva as experiências dos indivíduos. Portanto, a memória também entendida como a relação entre presente e passado, relação essa que reproduz imagens e dados que permitem que aquele determinado momento, que ficará registrado, venha à tona mais uma vez.

A memória é vista como a faculdade humana responsável pela conservação do passado, das experiências vividas. Em razão disso, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória é variável e também se torna múltipla, isso porque cada grupo passa a cultivar o seu jeito particular de recordações. As memórias, além de tudo ainda, transcendem o espaço-tempo de duração de vida dos indivíduos e seus grupos. Cada grupo em seu espaço se relaciona de modo particular e isso molda a identidade, construindo lembranças em seus participantes, fazendo desse molde uma espécie de espelho, onde estão reproduzidos os valores, crenças e costumes. A padronização permite a formação de memória que Halbwachs (2013) nomeia de “comunidade de sentimentos”. Diante disso, o autor também cita que:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Podemos observar também que a memória se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. O primeiro seria que ela é uma corrente de pensamento contínuo, que não seria artificial. O outro ponto de diferenciação a ser destacado é a existência das muitas memórias coletivas, enquanto a história se pretende a uma só memória, tornando-a universal. Enquanto a memória leva em consideração, em primeiro plano, as semelhanças, a história se baseia nas diferenças. A memória foi por muito tempo um recurso utilizado para se legitimar o poder de algumas classes sociais.

Ao recordarmos, fazemos um passeio sobre nossas memórias e conseguimos nos encontrar e nos reconectarmos a partir disso, mas existem as chamadas “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1989, p.4). O autor estabelece uma relação entre o silêncio e o trauma, esses sofridos por minorias de uma classe considerada mais baixa. O “indizível” se mostra, assim como a dificuldade de relembrar o passado, dificultando a comunicação. O indivíduo carrega consigo um sentimento de vergonha e culpa, fazendo com que a sua versão da história fique silenciada como forma de proteção.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989, p. 8).

Em suma, a memória apresenta um caráter coletivo, e isso não pode ser negado. No entanto, isso não significa que o indivíduo se encontre totalmente alienado, quando se trata do processo de formação de lembranças. O sujeito tem suas próprias recordações, como também, desfruta de certos níveis de liberdade, consciência e poder de ação em sua vida social. A consideração do poder dos indivíduos nos permite observar a articulação entre indivíduo e sociedade, ação e estrutura. Veremos no próximo tópico a relação existente entre memória e identidade.

2.3 RELAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES ENTRE A MEMÓRIA E IDENTIDADE

Abordados os conceitos de memória e identidade, falaremos agora da relação existente entre elas, relação essa considerada importante para a construção de ambas, já que a memória permite que o sujeito as sintetize, formando os seus processos identitários, ou seja, a identidade é formada por meio, também, das memórias coletivas e/ou individuais. Por isso, segundo Candau (2011, p. 18): “A memória é a identidade em ação”.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p.435).

Considerada um instrumento de poder, a memória se faz necessária na construção da identidade, pois as sociedades buscam, através desse instrumento, a memória, a compreensão da formação identitária e, através disso, entender também como se formam as tradições de uma sociedade. Segundo Jantsch (2014, p.116): “a memória e identidade se juntam na medida em que ambas são construções discursivas. Ao narrar-se, o sujeito mobiliza suas experiências e põe em ação tudo o que o constitui em uma narrativa de si e consolidar um novo “eu”, essa ação reorganiza os sentidos e significados.” Ao reorganizar o passado por meio do discurso, algumas experiências são deixadas de lado, apagadas, modificadas e distorcidas, outras recebem destaque e são intensificadas, por isso, tem-se um novo sujeito. Nesse processo, o sujeito da rememoração, vale ressaltar posicionar-se, por vezes, como alguém externo e que relata não como protagonista, mas como testemunha. Essa testemunha é o “eu” do presente olhando para o passado e lendo-o com olhos atuais, que colorem o tempo vivido com as cores do presente.

Elas [as identidades] surgem da narrativização do eu, mas da natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “saturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na

fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantástico (HALL, 2003, p. 109).

A relação entre identidade e memória se coloca de forma clara e objetiva, já que juntas funcionam como um discurso que se projeta como uma totalidade significativa, em uma convergência entre curiosidade sobre três bases: a natureza do acontecimento recordado, o contexto do acontecimento e, por último, a rememoração. Tais processos se manifestam na esfera coletiva e também individualmente, com base nas imagens, culturas e na linguagem, responsáveis pela polarização de memórias e, conseqüentemente, da formação identitária.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1989, p.18).

“A memória coletiva é um dos pontos mais essenciais para a constituição das identidades, pois ela entra em consonância com os grupos sociais e trajetórias dos indivíduos construídos pela coletividade” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 14). Halbwachs (2003) diz que: “no momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo e pela regeneração da memória para construir a identidade”.

A estratégia da memória, para construir a identidade do indivíduo, consiste no fato de que aos poucos ele recorda fragmentos do seu passado, recorda certas vivências.

Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2006, p. 72).

A rememoração é apresentada como uma ponte para revisitar e revisar o passado. Esse é um ponto crucial da relação entre memória e identidade, pois os discursos ganham forma para conferir ao tempo vivido, seu real significado e espaço para evidenciar a bagagem cultural do indivíduo. “Assim como a memória, a identidade também é uma produção discursiva e, do mesmo modo, é algo que existe

à medida que ganha forma por meio da linguagem” (HALL, 2011, p. 109). Nesse sentido, a identidade se constrói a partir das memórias vividas e narradas pelo sujeito

Ao analisarmos os estudos acerca da memória e identidade e suas relações, podemos olhar para ambas como fenômenos complexos e vivos e entendermos que essa relação nos permite compreender que uma está atrelada a outra, através das narrativas compostas do coletivo e do individual de cada sujeito.

Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si (CANDAUI, 2011, p. 59-60).

Neste sentido, é possível compreender que a memória é parte formativa da identidade e que ambas são criadas por cada sujeito, como também coletivamente nas relações com seu grupo social. Por meio dos espaços de trocas, a memória está sempre presente e fazendo alusões ao passado, a tudo que por aquele sujeito foi vivido e o que está sendo construindo no hoje, tornando-se um elo que será a base da construção social e identitária de cada um. O capítulo a seguir contém a parte analítica do nosso trabalho e seus resultados.

3. CONSTRUÇÃO ANALÍTICA PARTIR DO LIVRO PATU LUGARES E MEMÓRIAS

Neste capítulo, analisaremos a luz de nossas categorias analíticas, três histórias que fazem parte das memórias do povo patuense, contidas no livro “*Patu lugares e memórias*” do professor Aluísio Dutra de Oliveira que são elas: *A história do santuário do Lima; o Cruzeiro de São Sebastião na Serra do Patu; Comunidade Quilombolas do Jatobá*. Em linhas gerais, essas histórias estão presentes na sociedade patuense há muito tempo, através das lendas e dos mitos. O livro aborda essas histórias de uma forma mais esclarecedora, desmistificando lendas antigas. Ao analisarmos, esperamos que nossos objetivos sejam alcançados e os nossos questionamentos respondidos.

3.1 A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO DO LIMA

Considerado uma das sete maravilhas do Rio grande do Norte, o santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, construindo em cima da Serra do Lima, em uma terra doada pelo Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira, ainda no século XVIII, especificadamente no ano de 1758, é um dos pontos turísticos mais visitados da cidade de Pat-RN. A imagem abaixo mostra de forma panorâmica o santuário do Lima. Vejamos:

Figura 1: Santuário do Lima



Fonte: Própria Autora

No livro “Patu lugares e memórias”, o escritor e professor Aluísio Dutra reconta, através de relatos, as histórias dos antepassados patuenses, bem como a história do surgimento do e santuário do Lima. Assim, Aluísio, ao tentar resgatar essa história, nos revela, inicialmente, a dificuldade em coletar dados/informações sobre o santuário. “A respeito da história do santuário do Lima, pouco se tem em mãos, pois os registros mais sistemáticos somente acontecem após a vinda dos missionários a Patu”. (DUTRA, 2021, p.238). Os missionários da sagrada família começam a fazer registros dos acontecimentos na igreja.

Assim, segundo Dutra (2021), a história do santuário do Lima começa quando o Coronel Antônio de Lima toma conhecimento, por meio de rumores, que um caçador que se encontrava em suas porções territoriais, nos arredores da serra, teria visto o vulto de uma santa, até então conhecida como Nossa Senhora do Rosário, e que santa levou-o para o local onde hoje é o santuário. O coronel ao saber desse

acontecido, por meio dos falatórios de terceiros, ficou curioso e resolveu ir até o encontro do caçador para que ele lhe mostrasse o local que a santa estaria. Ao chegar ao local com o caçador, se deparam com o lugar vazio, com uma pequena casinha para a santa e encontrando a imagem em outro local distante. Assim, decidiram levar pela segunda vez a imagem para o local correto e, mais uma vez, se deparam com a ausência da imagem. Na manhã seguinte, o caçador e o coronel vão até a imagem novamente, levando-a pela terceira vez para o local de início.

O caçador fica curioso com o caso e o coronel, por sua vez, fez a doação das terras, um compromisso que agora assumiria, estando disposto a fazer uma capela em cima da serra para homenagear a santa, a qual intitulava-se, agora, de terra da mãe dos impossíveis, pois todos ao seu redor diziam ser impossível construir uma capela no alto daquela serra. “O coronel Antônio de Lima, ouvindo dizer que seu plano era impossível, respondera que não haveria impossível para ele e, por fim, construiu uma capela no alto da serra” (DUTRA, 2021, p. 239).

Depois de algum tempo e finalizada a obra da capela, ao chegar ao local, o coronel teria dito: “aí está, a capela dos impossíveis” que mais tarde ganharia muita fama, recebendo diariamente muitos visitantes e fiéis de todo o Brasil. O historiador Norte Riograndense Luís da Câmara Cascudo é citado no livro e se posiciona no que diz respeito aos mitos do lugar:

E mais adiante continua o grande Luís Câmara Cascudo: “A serra maciça, clara com nódoas de vegetação, apruma-se numa verticalidade impressionante. Durante a noite ainda brilham os olhos verdes e magnéticos das onças famintas. De um alcantilado um homem despencou-se gritando por nossa senhora e ficou rente à rocha, inexplicavelmente suspenso, até que o retirassem do abismo” (DUTRA, 2021, p.240).

lendas fazem parte do processo construtivo da identidade cultural e que é perceptível através dos ritos, religiões de um determinado lugar, no nosso caso, a cidade de Patu-RN. Dessa forma, passam a ter um significado importante para o patrimônio imaterial patuense, em que o uso dessas memórias é fundamental para a permanência da memória e identidade de uma sociedade e para que possamos compreender a memória e identidade.

Apesar do título que foi dado ao santuário ser sugestivo a frase dita pelo capitão, o livro traz uma importante informação, em que o capitão Lima estaria fazendo o seu testamento, em seu leito de morte, e fala de uma viagem à Portugal, relatando também que trouxe consigo a imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis junto com

a família, colocando-a dentro da capela, em um altar, o que nos faz acreditar que o coronel já conhecia a santa pelo nome e não como Nossa Senhora do Rosário ou dos impossíveis, como sugere a lenda inicial. A ideia do coronel ao chegar de Portugal era homenagear Nossa Senhora dos Impossíveis, trazendo a imagem e doando terras para a construção da capela como um sinal de gratidão e também de devoção.

A respeito do nome nossa senhora dos impossíveis, padre Evaldo, deixa claro que Antônio de Lima não escreveu crônicas, mas na escritura de doação da meia légua de terra em 1758, é citado seis vezes o termo “Serra de nossa senhora dos impossíveis”. Isso deixa claro que este nome provém do século 17 e 18, quando em Portugal já era comum a invocação da imagem da santa (DUTRA, 2021, p. 243).

O autor relata que no dia 6 de fevereiro de 1921, na pequena vila de Patu, que na época contava apenas com 600 habitantes, chegaram os padres Jorge e José, sendo que ao Padre Jorge ficara com a incumbência de administrar a Igreja do Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis. Passados alguns anos, em 1965 o Padre Henrique Spitz viaja de Recife ao santuário em Patu, com o objetivo de tomar posse como décimo administrador. Cheio de planos para nova administração, Padre Henrique, que mais tarde se tornaria um dos mais importantes nomes religiosos em Patu, trouxe consigo um novo projeto para que o santuário se tornasse maior, mais atual e receptivo.

Considerado por muitos, uma pessoa incansável, o padre não se rendia facilmente as dificuldades que encontrava e logo já colocaria seu projeto em ação. Começa então a construção de uma estrada de acesso ao santuário, construção de banheiros, hospedarias, uma igreja maior e ampla, tudo isso pensando nos romeiros que sempre visitavam o santuário, além da construção de refeitórios e residência dos padres reformada. Assim, é inegável que Padre Henrique realmente deixou sua contribuição e a sua marca no santuário. Dessa forma, com a ajuda da população, um sonho acabou se tornando realidade e o incansável Padre Henrique recebia ajuda até mesmo das pessoas de outros estados.

Em junho de 1967, já com o corpo e a mente esgotados, o padre precisou ser internado em um hospital de Recife, mas logo arquitetou um plano de fuga para que pudesse sair dali isso sendo somente possível devido ao caos que se instaurava na cidade por conta das fortes enchentes. Diante desse acontecimento, Padre Henrique ignora o pedido de repouso do médico e logo volta a trabalhar no santuário. Essa

informação traz à tona a memória coletiva do povo patuense em relação ao padre Henrique, ajudando a entender um pouco mais sobre a construção de sua identidade.

Persistente, Padre Henrique consegue agora a instalação da energia elétrica, que antes era gerada por um motor inglês e apenas por algumas horas. O governador da época, Walfredo Gurgel autoriza a instalação e cede postes para que seja feita. No início de janeiro de 1970, finalmente a energia chega definitivamente ao santuário. Em mais uma de suas boas ações em prol de Nossa Senhora dos Impossíveis, em 15 de maio do mesmo ano, Padre Henrique viaja para Alemanha, com o objetivo de obter férias e, também, fundos financeiros para o lugar que tanto amava. No dia 2 de setembro, o padre retorna para Patu, trazendo consigo uma boa quantia e, com esse valor, compra, de Antônio Suassuna, uma boa parte da terra ao lado para fazer um estacionamento.

Assim, o autor descreve Padre Henrique Spitz: “Encontrar o Pe. Henrique Spitz era contemplar dois olhos de um azul puro, de um azul assim safira, de um azul da cor do céu, sem nuvens com sol alto, aquele azul que se tingem o sertão durante a estação seca, azul que é mais azul devido o contraste com a caatinga áspera e cinza” (DUTRA, 2021, p. 261). Observando o contraste descrito a cima, a memória do povo nordestino é enfatizada ao fazer alusão à caatinga, ao sol e ao sertão. O seu legado ocupa um lugar importante na sociedade patuense, na qual deixou o seu tão amado Santuário no caminho certo e arrumado. “Apesar de críticas diversas feitas à Padre Henrique, é importante que se reconheça seu grande zelo missionário, que somente a ele se deve à existência do santuário e como se encontra hoje, no alto da serra para orgulho de Patu” (DUTRA, 2021, p. 261)

Relacionando o fragmentado analisado, com o que diz Pollak (1992, p. 5), é visto que identidade é a imagem que pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria, com a volta de suas lembranças e que, dependendo do que for “descoberta”, essa imagem pode mudar extremamente de uma hora para outra, afetando diretamente os critérios de aceitabilidade e credibilidade, tanto individual, quanto coletiva. Neste sentido, a boa credibilidade do Padre Henrique e a identidade patuense que o santuário se tornou na cidade de Patu, inclusive o fato de que alguns administradores estarem enterrados no próprio local, fazem com que o testemunho de tudo isso se torne algo mais verídico, deixando ainda mais forte a memória para os patuenses, permitindo a construção identitária.

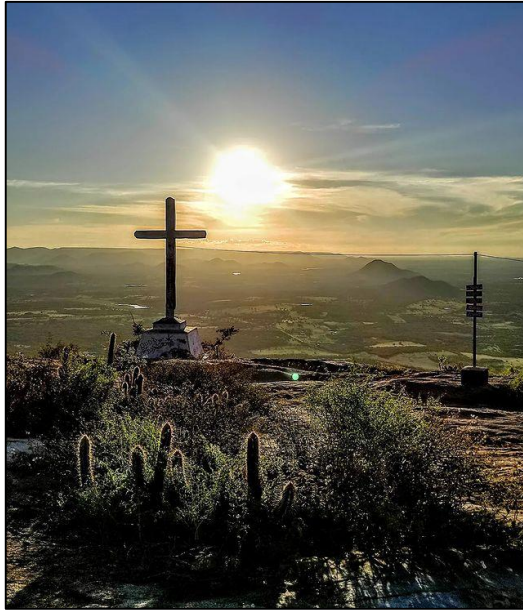
Podemos observar o reflexo das palavras de Halbwachs (2013) em cada detalhe na construção da história de Patu, refazendo o percurso da memória dos entrevistados sobre lugares marcantes da identidade patuense, em que no caso do santuário, além de todos os testemunhos, ainda conta com a estrutura física que os visitantes podem ver de perto, e isso vem sendo conservado até hoje. Recordista de visitação no Rio grande do Norte, conta com missas e romarias que foram implantadas por Padre Domingos de Sá, que assumiu em 2009, sendo outro personagem importante e que possui semelhança com Padre Henrique, ou seja, sempre lutaram pela organização da igreja. A fiel presença dos romeiros, até os dias de hoje, e toda a sua beleza tornam o santuário um patrimônio imortal, título alcançado durante a administração do Padre Luís Telmo, seu 12º administrador, suas histórias, mitos e memórias fazem dele uma rica identidade patuense.

O autor Aluísio Dutra trabalhou com dados coletados através de entrevistas e documentos históricos com o coletivo, como vem fazendo em seus projetos de memórias. Cada descrição é feita com riqueza de detalhes no livro, em que, nos casos onde não havia muitos registros físicos, é necessário identificarmos os traços de memória e identidade nos seus escritos, tudo isso para que suas obras sirvam de inspiração para as futuras gerações, que também serão conhecedoras da história de sua cidade e sentirão muito orgulho do grande significado cultural que existe em todas essas memórias, entendendo as construções da memória e identidade e relacionando-a a partir dos escritos do professor Aluísio, como também vemos no tópico seguinte, onde analisamos a história do cruzeiro de São Sebastião.

3.2 CRUZEIRO DE SÃO SEBASTIÃO NA SERRA DO PATU-RN

Em continuidade a busca por elementos constituintes da memória identidade patuense, o livro analisado, “Patu lugares e memórias”, apresenta a história do Cruzeiro de São Sebastião na Serra do Patu-RN. Em 20 de janeiro de 1938, o cruzeiro foi inaugurado pelo Padre Frederico, com uma ampla estrutura de ferro e localizadas em cima da Serra do Lima, o cruzeiro de São Sebastião recebeu este nome para homenagear os militares que ajudaram a construí-lo:

Figura 2: Cruzeiro de São Sebastião



Fonte: acrescentar a fonte da imagem

Em 1938, o delegado de polícia, Tenente Alcebíades, auxiliado pelo agente da mesa de renda de Patu, o Sr. Joaquim de Oliveira, fizeram uma campanha junto aos comerciantes e fazendeiros do município visando angariar recursos e donativos para construir o cruzeiro que foi denominado de “cruzeiro de São Sebastião” em homenagem aos militares (DUTRA, 2021, p.130).

Um fato curioso lembrado pelos patuenses e que faz parte das suas memórias, é retratado no livro, em que somente no ano de 2017 o local foi iluminado:

No ano de 2017, o Cruzeiro de São Sebastião recebeu iluminação e no período noturno o mesmo pode ser visto. A ideia da iluminação do cruzeiro partiu do sonho de um jovem patuense, Zilklênio Azevedo, que desde criança, quando foi visitá-lo, viu a bela imagem de Patu do alto da serra e sentiu o desejo que um dia aquela cruz, encravada sobre a serra de Patu, pudesse ser iluminada (DUTRA, 2021, p.130).

e acaba revejando o imaginário das pessoas e suas memórias.

Zilklênio, vendo a possibilidade do sonho se tornar realidade, juntou umas economias que dispunha e para complementar, promoveu uma campanha entre seus amigos para arrecadar fundos com o objetivo fazer iluminação do Cruzeiro. A energia elétrica já tinha chegado à comunidade Serra do Lima e desta forma facilitou para a instalação. Para ajudar o jovem Zilklênio Azevedo a concretizar a iluminação do cruzeiro e São Sebastião, ele contou com a ajuda e parceria de amigos importantes e fundamentais no intento a ser alcançado (DUTRA, 2021, p. 130).

No domingo, 26 de fevereiro de 2017 às 18 horas, o Cruzeiro de São Sebastião foi iluminado pela primeira vez e assim se concretizava o sonho do jovem patuense, Zilklênio Azevedo, bem como o de muitos patuenses que desejavam um dia vê-lo iluminado sobre a linda serra do Patu (DUTRA, 2021, p.130).

Na relação entre memória e identidade é nítido que uma completa a outra e que ambas surgem de uma determinada narrativa, em que, na história do cruzeiro de São Sebastião, ambas aparecem por meio das experiências e memórias relatadas, dando sentido histórico a cidade de Patu-RN. “A memória se transforma em um relicário de identidade que se busca no passado” (CANDAU, 2011, p. 159) e que “se dedica[m] a encontrar ou fabricar tudo o que pode ter função de traços, relíquias, vestígios ou arquivos, ou seja, tudo o que permite a um grupo narrar-se a si próprio. Os traços possuem autoridade pela importância que lhes é conferida” (CANDAU, 2011, p. 159).

A história do cruzeiro de São Sebastião é um exemplo de identidade coletiva e de memória cultural e, também, uma história de vida da cidade de Patu. Histórias como essas nós ajudam na (re)construção da identidade individual e do lugar que vivemos e ocupamos. Dessa forma, todos os pontos turísticos abordados no livro demonstram e se interligam aos pilares da nossa pesquisa, destacada pela a memória e a identidade, assim como a relação existente entre elas nos escritos do professor Aluísio Dutra.

3.3 COMUNIDADE QUILOMBOLAS DO JATOBÁ

No sítio Jatobá, localizado na cidade de Patu, existe outro traço identitário patuense, a comunidade quilombola do Jatobá, que a partir do ano de 2001 passaria por grandes mudanças em relação a como seriam vistos socialmente. Um período marcante nas memórias dos quilombolas foi o chamado movimento Patu 2001, que trouxe para os membros da comunidade novas perspectivas e para a sociedade novos olhares sobre um povo considerado excluído, exposto aos julgamentos, a discriminação, um povo sem autoestima, assim como apresentado no fragmento que veremos a seguir:

Quem há 20 anos conheceu como era a realidade da comunidade negra de Jatobá, município de Patu, hoje vai encontrá-la completamente diferente daqueles tempos de discriminação, sem autoestima, excluídos da sociedade em que as políticas públicas governamentais passavam por longe daquela comunidade (DUTRA, 2021, p. 111).

O movimento Patu 2001, contou com o médico patuense, o Psiquiatra Eptácio Andrade Filho, o artista plástico Ricardo Veriano e o próprio Aluisio Dutra, autor do

livro. Ambos os indivíduos se engajaram na tentativa de manter viva a história de uma das principais identidades culturais patuenses, o quilombo Jatobá, tendo em vista o desejo de que os quilombolas precisavam ter voz, serem ouvidos, já que a cultura afro-brasileira desempenha um papel importante na questão da memória cultural, afetiva e na identidade, através da dança, da música e até mesmo da culinária, resgatando a sensação de continuidade.

Sobre a comunidade negra do Jatobá, o movimento Patu 20011, além de divulgar seus potenciais como a cultura local que foi trabalhada através do artista plástico Ricardo Veriano e os potenciais turísticos, como o sítio arqueológico, com figuras rupestres localizadas no riacho do letreiro, foi trabalhada também a organização política através do convite feito a organização Quilombo para desenvolver na comunidade várias intervenções (DUTRA, 2021, p. 112).

Na ocasião a jovem representante da organização disse uma frase que ficou marcada naquele dia: “a partir de hoje essa comunidade terá vez.” O senhor sereno do Jatobá ouviu as palavras e respondeu: “e negro tem vez onde?”, em seguida baixou a cabeça. Aquela imagem ficou marcada na mente dos presentes naquela casa (DUTRA, 2021, p. 112).

Alguns meses depois, quando a organização voltou à comunidade, reafirmaram o compromisso com os Quilombolas do Jatobá, que agora contavam com o apoio da fundação Palmares em Brasília, nomeando Sandra da Silva como sua primeira representante, colocando em evidência a memória remota e construindo a identidade do quilombo. O livro Patu lugares e memórias contém muitas memórias culturais e coletivas presentes no imaginário patuense, isso é inquestionável, mas outro fato memorável e marcante, que também envolve o Senhor Sereno do Jatobá, é uma visita muito especial que ele recebe:

O senhor Severino Sebastião da Silva, líder da comunidade Quilombolas de Jatobá, conhecido como Sereno, recebeu uma visita muito importante em sua residência, tratava-se de sua prima, dona Chica brejeira, que aos 114 anos veio fazer uma visita ao Jatobá. Dona Chica brejeira faleceu dois anos depois, aos 116 anos de idade considerada uma das mulheres mais idosas do Rio grande do Norte (DUTRA, 2021, p. 113).

Todas essas recordações e registros que se tornaram memórias e agora relatos, como citado por Halbwachs (2001) no capítulo anterior, são construções psíquicas de fatos ao qual o indivíduo recorda por estar inserido em um determinado contexto, sendo também elementos importantes para entendermos como o autor utiliza a memória em seus escritos, seja através de entrevistas, pesquisas e visitas

presenciais onde havia patrimônios físicos, instituições religiosas e educacionais para que, através da memória coletiva do povo patuense, conseguisse trazer à tona a identidade de Patu.

No dia 12 de julho de 2007, acontecia em Patu, o sepultamento do senhor Severino Sebastião da Silva, conhecido por Sereno do Jatobá. Ele faleceu no 11/07/2007, em sua residência, aos 90 anos de idade. Sereno casou-se no ano de 1946, com a senhora Ducila de Aquino, tiveram cinco filhos: Benedito da Silva, Raimundo da Silva, Dulcinéia Maria da Conceição, Maria da Conceição e Antônio Laênio da Silva. Severino Sebastião da Silva era o morador mais idoso da comunidade Quilombolas de Jatobá e permaneceu Unido com sua esposa, Ducila de Aquino, durante 61 anos (DUTRA, 2021, p. 113).

Com a morte do Senhor Sereno, uma parte da identidade quilombola também parte, pois sua história marcou a comunidade Quilombolas do Jatobá. Mas, as suas memórias continuariam vivas e os seus amigos e familiares estariam dispostos a honrar o seu nome a partir dali.

No dia 20 de novembro de 2009, a presidente da associação comunitária dos Quilombolas do Jatobá, Sandra da Silva, recebeu das mãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Salvador-BA, o decreto de regularização de Territórios Quilombolas, na oportunidade o presidente Lula disse que o governo brasileiro tinha uma dívida com os negros e índios deste país (DUTRA, 2021, p. 114).

Com aquele decreto em mãos e com as terras regularizadas através do instituto nacional de colonização e reforma agrária – INCRA, representadas por um filho da terra o patuense Dr. Rodrigues Filho, engenheiro agrônomo conhecido popularmente por “Kavei”, os quilombolas só tinham a ganhar de agora em diante. Os ventos patuenses chegavam com ótimas notícias:

No mês de fevereiro de 2011, foi inaugurada a mini auditora João Luis de Aquino, em que todas as casas foram beneficiadas com água encanada, sepultando as práticas de carregar o precioso líquido em lata na cabeça em que os moradores enfrentavam longas caminhadas em busca de água. Após a implantação da adutora João Luis de Aquino, o grupo de mulheres “tecendo sonhos”, passou a produzir alimentos orgânicos de boa qualidade, bem como, passaram a trabalhar com o beneficiamento de polpa de fruta e produção de mudas (DUTRA, 2021, p. 114).

Todos os personagens encontrados na comunidade quilombola do Jatobá são exemplos de força, garra e persistência, lutaram sempre com todas as suas armas para que a história dos seus antepassados continuasse viva através deles, formando um grande patrimônio identitário. Se todo esse patrimônio não for preservado, correrá

o risco de cair em esquecimento e, por isso, as tradições, o convívio, as memórias individuais e coletivas se tornam aliadas, não deixando isso acontecer.

O governo Federal reconhece a importância da comunidade Quilombolas do Jatobá como prometido, entendendo que todo aquele patrimônio cultural e material não pode se deixar ser esquecido e, acima de tudo, que os quilombolas precisam ter voz atuante no meio social.

O governo federal reconheceu a dívida social e histórica que existe com os negros e índios e, desta forma, fez o reparo através de uma política de valorização e reconhecimento dos negros e índios, desapropriando terras e entregando de volta aos seus verdadeiros donos (DUTRA, 2021, p.115).

Outra memória que a comunidade guarda com muito carinho aconteceu nos anos de 2016 e 2017, em que:

Em 2 de outubro de 2016, o IDEHAC- instituto de desenvolvimento habitacional Canaã iniciou a construção de 20 unidades habitacionais na comunidade Quilombolas do Jatobá. O financiamento foi da Caixa Econômica Federal. A conclusão das 20 unidades habitacionais aconteceu no mês de outubro de 2017, sendo a inauguração acontecida em solenidade realizada na quadra da comunidade, em 14 de outubro de 2017, terminando com festa de confraternização (DUTRA, 2021, p. 116).

No mês de maio de 2021, a comunidade negra de Jatobá sofreu com a perda de duas pessoas queridas. Faleceu no dia 11 de maio, vítima de covid-19, o senhor Benedito da Silva, que nasceu na comunidade negra Quilombolas do Jatobá, aos 2 de janeiro de 1950. Bigurriel, como era mais conhecido, foi um homem trabalhador e dedicado à comunidade.

Na manhã do dia 27/05/2021, faleceu em sua residência, comunidade negra Quilombolas do Jatobá Patu RN, Dona Ducila de Aquino, mãe de Bigurrielo. Ela nasceu em 13 de maio de 1930. Casada com o senhor Severino Sebastião da Silva (in memoriam), conhecido como Sereno. Ela deixou 5 filhos, 22 netos, 43 bisnetos e 2 tataranetos (DUTRA, 2021, p. 116).

Descendentes de Manoel e Raimunda, que foram escravos de Joaquim Teixeira Dantas, proprietário de terras no sítio Patu de fora, foco de estudos na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, os moradores do Quilombo Jatobá são parte da história patuense e lutaram muito para que a sua comunidade tivesse o alcance e importância que possuem nos dias de hoje.

Quando a jovem Iraneide, representante da organização Quilombo, disse ao líder da comunidade, Sereno do Jatobá, há 20 anos, que a comunidade a partir daquela visita não seria a mesma, ela tinha convicção, pois na verdade a comunidade Quilombolas de Jatobá, a partir daquela visita da organização Quilombo, feita ao convite do movimento Patu 2001, nunca mais foi a mesma. Hoje seus moradores possuem autoestima, andando de cabeça erguida e com orgulho de ser quilombola, de ser negro (DUTRA, 2021, p. 116).

Na nossa busca por analisar as construções identitárias e como se relacionam a memória e a identidade da cidade de Patu-RN, nos escritos de autores patuenses, encontramos grandes histórias e personagens que jamais saíram de imaginário dessa gente. O autor, Aluisio Dutra, através do individual e do coletivo, resgata o sentimento constituinte da identidade, a memória, com intuito de manter viva a continuidade dessas histórias em cada indivíduo e em cada grupo social da cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já apontado no decorrer desta pesquisa, a cultura faz parte de todos os seres humanos, possuindo múltiplas faces, pois a cultura perpassa por linhas atemporais e que costuram nossas memórias e identidades, fazendo-se presentes em todas as gerações. Assim, está pesquisa se constituiu a partir de um olhar sensível sobre a cultura da cidade de Patu/RN, com ênfase na memória e identidade, que estão diretamente enraizadas no coração histórico desse município.

Os escritos do livro intitulado de “Patu lugares e memórias” narram a história da construção do município, bem como a formação dos moradores que habitavam/habitam esse local, marcando fatos do passado que se ancoram em vestígios do presente. Desse modo, a leitura do livro ressalva a origem de Patu/RN com clareza, se tornando um memorial do patrimônio cultural. Além disso, a memória trazida ressignifica a construção das raízes sociais e dos pioneiros que regaram as primeiras sementes do solo patuense. Assim, é visto que a memória resgata toda fundação da cidade, repassando os valores culturais de geração para geração.

Outrossim, para que haja um “hoje”, é preciso a existência de um “ontem”, por isso, é necessário que o processo de rememoração para que seja possível o reconhecimento das referências que envolvem nosso passado. Portanto, ao pensarmos sobre memória e identidade, entendemos que se trata de elementos individuais e coletivos, que se matem vivos na vida da sociedade, reconstituindo o passado na respectiva atualidade. Dito isso, ao analisar a construção da memória e identidade na cidade de Patu/RN, entendemos que a construção dos discursos são elementos que não compõe apenas os traços regionais, mas que ilustram um conjunto

de memórias coletivas que, conseqüentemente, se transformam na identidade do município.

Portanto, ao identificar a identidade dos autores e a construção de suas memórias, a partir do livro, podemos observar as contribuições que se encontram vinculadas, uma vez que a ligação entre elas contribui para a formação das representações e dos processos culturais. Desse modo, a pesquisa buscou trazer reflexões a respeito da identidade e memória como elemento cultural na pós-modernidade, onde cada indivíduo colabora para reconstituição de novas identidades.

REFERÊNCIAS

- Oliveira, Aluísio Dutra de. **Patu: lugares e memórias**. Natal: Offset, 2021.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- Ferreira, Maria Leticia, **Memória e identidade**. Tradução: São Paulo: Contexto, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- JANTSCH, A. P.; BIACHETTI, L. **Universidade e Interdisciplinaridade**. Revista bras. Est. pedag. Brasília, v. 07-04, p.25-34, jan./abr. 2014.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- OLIVEIRA, Aluísio Dutra de. **Patu: lugares e memórias**. Natal: Offset. 2011
- POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual**. In SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**.

